

**PRÁXIS RELIGIOSA DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA:
O CASO CATÓLICO**Moisés Sbardelotto¹**RESUMO**

Este texto busca analisar a *práxis religiosa digital* da Igreja Católica no Brasil, isto é, as práticas católicas brasileiras no ambiente digital e as reflexões eclesiais sobre tal processo, ao longo da pandemia do coronavírus. Para isso, realizou-se um estudo de caso sobre o site da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), instância máxima do catolicismo no país. Foram analisados 82 textos, entre notícias, entrevistas, documentos e artigos de opinião publicados entre março e dezembro de 2020, referentes às reflexões e às práticas católicas no e sobre o ambiente digital durante a pandemia. Este artigo, primeiramente, descreve as diversas práticas religiosas digitais que foram surgindo a partir do “confinamento litúrgico” provocado pela pandemia. Em seguida, analisa-se a reflexão feita por autoridades da Igreja sobre tais práticas. Diante das limitações e potencialidades da internet levantadas nessa descrição indiciária da práxis católica digital, fazem-se algumas inferências sobre o deslocamento espaço-temporal das práticas religiosas para o ambiente digital devido a um processo de ubiquização e sobre a ressignificação das noções de presença e participação em rede, tecendo-se críticas à perspectiva de uma suposta “virtualização da fé”. Com isso, conclui-se que a pandemia evidenciou que a práxis religiosa contemporânea emerge a partir de um processo de reconexão entre o humano, o digital e o sagrado, como no caso da formação e da articulação de comunidades eclesiais digitais.

PALAVRAS-CHAVE: internet; redes sociais digitais; religião; catolicismo; pandemia.

**DIGITAL RELIGIOUS PRAXIS IN PANDEMIC TIMES:
THE CATHOLIC CASE****ABSTRACT**

This text seeks to analyze the digital religious praxis of the Catholic Church in Brazil, that is, Brazilian Catholic practices in the digital environment and ecclesial reflections on this process, during the coronavirus pandemic. For this, we made a case study on the website of the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB), the highest level of Catholicism in the country. We analyzed 82 texts, including news, interviews, documents, and opinion articles published between March and December 2020, referring to Catholic reflections and practices in and about the digital environment during the pandemic. Firstly, we describe the various online religious practices that emerged from the “liturgical confinement” caused by the pandemic. Then, we analyze the reflection made by Church authorities on such practices. Based on the limits and possibilities of the internet raised in this indiciary description of the digital Catholic praxis, we propose some inferences regarding a space-time displacement of religious practices to the digital environment through a process of ubiquisation, and the ressignification of the notions of

¹ Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio doutoral na Università di Roma “La Sapienza”, na Itália. De 2018 a 2020, realizou estágio pós-doutoral no PPGCC da Unisinos (bolsa Fapergs/Capes). É bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: m.sbar@yahoo.com.br.

networked presence and participation, criticizing thus the perspective of an alleged “virtualization of faith.” With that, we conclude that the pandemic showed that the contemporary religious praxis emerges from a process of reconnection between the human, the digital and the sacred, as in the case of the formation and articulation of digital ecclesial communities.

KEYWORDS: Internet; digital social networks; religion; Catholicism; pandemic.

INTRODUÇÃO

A partir de março de 2020, o mundo viveu uma pandemia histórica de consequências inimagináveis – e que ainda não havia chegado ao fim até a publicação deste texto. A disseminação do coronavírus forçou o mundo a “fechar as portas”, levando as pessoas a se distanciarem e a se confinarem para evitar o contágio.

Durante esse período, diversas instituições religiosas, em suas várias expressões, tiveram que reinventar suas práticas rituais e comunitárias diante das medidas governamentais de prevenção e controle da Covid-19, como o fechamento dos templos e a proibição de aglomeração. Com isso, a pandemia levou os fiéis e as comunidades de fé a voltarem seus olhares principalmente para o ambiente digital, mediante formas de religiosidade online (ADAM, SBARDELOTTO, 2020; BARROS, VELOSO, 2020; SANTOS, 2020; SBARDELOTTO, 2020a, 2020b, 2020c; CARLETTI, NOBRE, 2021).

Nesse momento inédito e histórico na vida das religiões em geral, entretanto, muitas vezes houve aproximações apressadas ou distanciamentos receosos em relação ao ambiente digital. Por isso, é importante atentar e refletir sobre algumas questões comunicacionais que surgem diante deste “sinal dos tempos” da pandemia e que incidem em aspectos centrais da relação entre a religião e o digital.

Este texto busca descrever e analisar especificamente a *práxis religiosa digital* da Igreja Católica no Brasil ao longo do período de pandemia. Entendemos por “práxis”, em sentido freireano, a “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 38), ou seja, a articulação entre teoria e prática, a inserção crítica em uma dada realidade que, ao objetivá-la, simultaneamente a transforma. Aqui, trata-se de buscar entender como se explicitaram a prática religiosa da Igreja Católica brasileira nos processos comunicacionais do ambiente digital em tempos de pandemia e a reflexão eclesial sobre esses desdobramentos.

Para isso, realizamos um estudo de caso sobre o site da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),² instância máxima do catolicismo no país, que atua também como um importante agregador e disseminador de informações sobre a Igreja Católica nacional. Nessa página, buscamos indícios sobre a práxis digital da Igreja Católica durante a pandemia, na tentativa de articulá-los para a elaboração de inferências sobre a complexidade desse processo (BRAGA, 2008).

Coletamos notícias, entrevistas, documentos e artigos de opinião publicados entre os dias 11 de março de 2020 – data da decretação oficial da pandemia em nível mundial pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – e 20 de dezembro de 2020 – prazo final de submissão deste texto. Para tal busca, utilizamos cinco palavras-chave, a partir das quais obtivemos os seguintes resultados: 32 textos referentes a “virtual”, 23 referentes a “online”, 16 referentes a “redes sociais”, 10 referentes a “digital” e 2 referentes a “internet”, em um total de 83 textos. Um único texto se repetia nas buscas com palavras-chave diferentes e foi excluído. Com isso, nosso corpus final foi de 82 textos.

Em cada texto, por sua vez, analisamos elementos informativos e de opinião que evidenciassem o papel dos processos de comunicação digital na práxis religiosa da Igreja Católica durante a pandemia. Nossa tentativa foi a de inferir como a experiência de distanciamento social, de fechamento dos templos e do consequente “confinamento litúrgico” ressignificou a reflexão eclesial e as práticas religiosas tradicionais, ou fez emergir novas reflexões e práticas religiosas no e sobre o ambiente digital.

Neste artigo, primeiramente, descreveremos diversas práticas religiosas digitais que foram surgindo ao longo da pandemia, seja do ponto de vista das práticas rituais, das práticas formativas, assim como das práticas internas da própria instituição eclesial. Em seguida, analisaremos a reflexão feita por autoridades da Igreja sobre tais práticas religiosas, a partir de documentos e mensagens emitidos pela CNBB e de artigos de opinião de autoridades da Igreja.

Diante das limitações e potencialidades do digital levantadas nessa descrição indiciária da práxis católica digital, fazemos algumas inferências sobre o deslocamento espaço-temporal das práticas religiosas para o ambiente digital devido a um processo de ubiquização e sobre a ressignificação das noções de presença e participação, tecendo

² Disponível em: www.cnbb.org.br.

críticas à perspectiva de uma suposta “virtualização da fé”. Com isso, concluímos que a pandemia evidenciou que a práxis religiosa contemporânea emerge não apenas como ações de religação (*religare*) entre o humano e o divino, mas principalmente de *reconexão* entre o humano, o digital e o divino, como no caso da formação e da articulação de comunidades eclesiais digitais.

A PANDEMIA, O DIGITAL E A RECONFIGURAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS

Diante do ineditismo do “confinamento litúrgico” provocado pela pandemia e da necessidade de adiar ou cancelar inúmeros eventos e celebrações religiosos, a resposta quase automática de inúmeras dioceses, paróquias e movimentos católicos no Brasil foi ampliar as transmissões de missa ou de outros momentos de oração, além de atividades de reflexão e formação pela internet. As principais iniciativas online nesse sentido em todo o país foram sendo noticiadas no site da CNBB, envolvendo principalmente práticas *rituais*, *formativas* e *institucionais*, que agora analisaremos.

Em relação às *práticas rituais e celebrativas*, encontramos uma grande variedade de experiências oferecidas aos fiéis “confinados”. No dia 27 de março, logo no início da pandemia, o Papa Francisco realizou um histórico momento de oração em uma Praça de São Pedro totalmente vazia para evitar aglomerações. O site da CNBB anunciou o evento, lembrando que seria possível acompanhá-lo através do site e das mídias sociais do Vaticano, e convidando as pessoas a utilizarem a *hashtag* #RezemosJuntos³. Essa *hashtag* também passou a ser utilizada na divulgação de outros momentos de oração, atuando como “agregador simbólico” da comunidade reunida em oração.⁴

Uma matéria especial publicada no dia 20 de março destacava em seu título justamente que “diante da pandemia redes sociais favorecem momentos de oração e comunhão” (DIANTE, 2020, s/p). O texto ressaltava a “criatividade” das iniciativas surgidas em todo o país para favorecer tais momentos aos fiéis. Uma delas surgiu na Diocese de Umuarama (PR), onde alguns padres se inspiraram em um sacerdote italiano, repetindo o seu gesto de encher a Igreja com fotos dos paroquianos. Segundo a reportagem, “das

³ Disponível em: <https://bit.ly/2KDh7IO>.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/38hgqgF>.

suas casas, os fiéis entraram em comunhão, prepararam altares e acompanharam a celebração”, transmitida pela internet. Outra notícia destacava a atuação dos padres idosos durante a pandemia, que “se reinventam, aderem às redes sociais e desbravam as novas tecnologias” (PADRES, 2020, s/p). O texto frisava que “engana-se quem acredita que eles não têm muita intimidade com as redes. Muitos deles tem dado show na hora de lidar com a internet”, organizando momentos de oração e de celebração através de *lives*.

Nesse tempo de criatividade religiosa digital, a CNBB também convidou os fiéis a conhecerem “quais aplicativos ajudam a se conectar com quem está distante e a rezar pela internet” (SAIBA, 2020, s/p). A notícia reconhecia, que, em tempo de isolamento domiciliar, as pessoas buscam atender à necessidade de estarem próximas de seus familiares e amigos, e também de se reunirem em comunidade de fé, agora por meio das redes sociais digitais e de aplicativos. Destacava-se o caso de um grupo de jornalistas de Brasília (DF) que se reunia periodicamente para a meditação do terço e que, diante da necessidade de isolamento, passou a utilizar a plataforma Google Hangouts para continuar realizando esse momento de oração.

Como a pandemia chegou ao Brasil em pleno tempo de Quaresma – período litúrgico de 40 dias em preparação à Páscoa –, o site da CNBB, por meio de sua Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, passou a disponibilizar, semanalmente, a partir de março, um roteiro de *Celebrações em Família do Dia do Senhor*, em formato PDF. A comissão explicou que, “acolhendo a orientação das autoridades civis e sanitárias, nossos bispos no Brasil orientam os fiéis a permanecerem em suas casas, evitando aglomeração de pessoas e, conseqüentemente não participando das celebrações eucarísticas” (QUARENTENA, 2020, s/p). Por isso, na falta das missas presenciais, o convite era a “celebrar o Dia do Senhor como Igreja doméstica, com nossos familiares, em nossas casas”. Tais subsídios, que continuavam sendo disponibilizados ao longo de 2021, traziam a indicação de um rito “caseiro” com leituras bíblicas, preces, bênçãos e cantos.

Devido à pandemia, portanto, os fiéis foram obrigados a sair dos templos e a ficar em suas casas. Mas não ficaram necessariamente isolados nelas. A experiência religiosa eclesial, graças às redes digitais, não se limitou ao recinto do próprio lar. Cada fiel ou “Igreja doméstica” também podia se conectar com quem estava distante, unindo pessoas, famílias e grupos em encontros comunitários de oração e formação pela internet,

sem fronteiras geográficas, de modo especial por meio de plataformas para videoconferência. Esse foi o caso de um importante momento de oração online em abril de 2020, que reuniu lideranças ecumênicas de todo o Brasil. A celebração *Liturgia da Compaixão: um compromisso solidário das religiões em tempos de Covid-19* ocorreu por meio da plataforma Zoom.⁵

Ao longo do período pandêmico, o ambiente digital também se tornou o espaço adequado para as grandes celebrações católicas, que não puderam ser realizadas com a presença física dos fiéis nos respectivos templos. Em vários casos, optou-se pela transmissão dos eventos via redes sociais digitais, favorecendo a participação dos fiéis por meio de comentários e mensagens.

Três grandes festas patronais – isto é, dedicadas a um santo ou santa particular, chamados de “padroeiros” – tiveram que ser reinventadas digitalmente, em um ano que marcava importantes aniversários históricos nos três casos. A primeira delas foi a maior celebração religiosa do Estado do Espírito Santo e uma das três maiores do Brasil, a festa de Nossa Senhora da Penha, em abril, cuja celebração completou 450 anos em 2020 e foi totalmente transmitida pela internet.⁶

Esse também foi o caso da festa do Divino Pai Eterno, o segundo maior evento religioso do Brasil, que atrai mais de três milhões de romeiros anualmente a Trindade (GO), no primeiro domingo de julho. Ao completar 180 anos do surgimento dessa devoção, a festa foi celebrada pela primeira vez sem a participação dos devotos, sendo transmitida via sites, aplicativos e redes sociais digitais.⁷

Já a festa de Nossa Senhora do Carmo, em julho, foi a ocasião para celebrar os 300 anos da Província Carmelitana de Santo Elias, que congrega os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Distrito Federal, Tocantins e Rio Grande do Sul. Pela primeira vez, as missas da novena e da festa nas diversas comunidades carmelitas que compõem a província não foram abertas ao público, sendo transmitidas online.⁸

Além disso, em outubro, todas as celebrações da novena e da festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, na cidade de Aparecida (SP), foram realizadas de

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2WwKeR2>.

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3p8xTyM>.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2LPXf5X>.

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3axP2h5>.

forma online, transmitidas ao vivo pela TV Aparecida e pelas redes sociais digitais do Santuário Nacional. Também se motivou a participação dos devotos para que enviassem fotografias a serem reproduzidas durante a transmissão.⁹

Além de todos esses momentos de oração pontuais, em maio ocorreu o lançamento de um “altar virtual dos santos protetores da Covid-19” por parte da Arquidiocese de Vitória da Conquista (BA).¹⁰ Trata-se de uma plataforma digital projetada com um guia interativo¹¹, na qual o fiel pode rezar com as orações ali disponibilizadas, deixar o seu pedido de oração e também enviar uma mensagem aos clérigos da região.

Em todos esses casos, percebe-se que tais práticas apontam para uma mudança na experiência religiosa do fiel, particularmente por meio de novas espacialidades e novas ritualidades (SBARDELOTTO, 2012). Por um lado, surge uma maior abrangência e universalidade em termos de opções religiosas, já que as fronteiras e as distâncias geográficas não são mais um impeditivo, os templos se tornam digitalmente ubíquos, e o acesso a eles se dá em todo o lugar, onde quer que se esteja. Por outro lado, as práticas rituais online passam a demandar novas gestualidades dos fiéis e novas “liturgias online” (ADAM; SBARDELOTTO, 2020), pois agora podem ocorrer no conforto do próprio lar, por meio de telas, câmeras e outras tecnologias.

A pandemia, por sua vez, afetou ainda a celebração de datas temáticas do calendário católico ou outros eventos que geralmente envolvem não apenas práticas rituais e celebrativas, mas também *formativas*. Em maio, celebrou-se o 57º *Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. A partir do dia 27, a *Semana de Oração pelas Vocações* ocorreu via redes sociais digitais. Foram realizadas iniciativas para favorecer as preces, a divulgação e a partilha sobre o chamado à vida religiosa, matrimonial, sacerdotal e laical. No Instagram, a Pastoral Vocacional divulgou *cards* com trechos de uma mensagem do Papa Francisco sobre a data. Também se incentivou o público em geral a usar as *hashtags* #EuRezoPelasVocações e #JuntosEmProlDasVocações. Foram oferecidos ainda uma opção de tema para foto do perfil pessoal no Facebook e *templates* para serem usados pelas pessoas em seus *stories* no Instagram e no Facebook.¹²

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3atEI9S>.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2WrTTZ7>.

¹¹ Disponível em: www.altardigital.com.

¹² Disponível em: <https://bit.ly/2LLqyqg>.

Outro grande evento realizado apenas na modalidade online foi o *10º Simpósio Nacional das Famílias*, promovido pela Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família da CNBB e pela Comissão Nacional da Pastoral Familiar, no dia 23 de maio. A programação envolveu diversas videoconferências sobre o tema “Família e Educação”, transmitidas pelas redes sociais digitais. Durante o evento, os participantes também foram convidados a interagir por meio da *hashtag* #SimpósioDaFamília.¹³

No dia 9 de junho, foi realizada a tradicional *Marcha pela Vida*, mas, devido à pandemia, em modalidade online. Foram transmitidos em rede debates de âmbito nacional, com a participação de cientistas, personalidades, gestores públicos e artistas. Além dos debates online, as entidades promoveram um “tuitaço” das 12h às 13h, utilizando a *hashtag* #MarchaPelaVida. Os participantes também foram convidados a postar vídeos curtos ao longo da semana com declarações sobre a importância de aderir à marcha, utilizando a mesma *hashtag*.¹⁴

Já no dia 20 de junho, rememorou-se o *Dia Mundial dos Refugiados*, e a CNBB promoveu uma série de programações e debates sobre a situação dessas pessoas ao longo da celebração da *35ª Semana do Migrante*. Foram realizados ainda uma *live* musical, com a participação de cantores brasileiros e internacionais, e também o festival artístico *Muitos Somos, Somos Um*, em formato online.¹⁵

Em julho, a Comissão Episcopal Pastoral para Juventude da CNBB realizou o *Integra*, o primeiro encontro de membros do Setor Diocesano de Juventude, totalmente online, via YouTube. O evento foi um momento de formação, troca de experiências e convívio entre jovens.¹⁶

Na segunda semana de agosto, a Igreja no Brasil celebrou a *Semana Nacional da Família*. Em 2020, devido à pandemia, a programação foi toda online, com duas *lives* de reflexão e debate, uma de abertura e outra de encerramento, ambas transmitidas via YouTube. Os agentes ligados à Pastoral Familiar também foram convidados a comparti-

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/3h3Bo6F>.

¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3h2tieF>.

¹⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3p3eDm2>.

¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/34xDEOm>.

lhar fotos e pequenos vídeos em suas redes sociais digitais utilizando a *hashtag* #SemanaNacionalDaFamília.¹⁷

Já em outubro, o *Dia Nacional da Juventude* foi celebrado de diversas formas pelo país, principalmente via redes sociais digitais. Houve a transmissão de momentos de reflexão e oração, “bate-papos em família” por meio de plataformas como Google Meet e Zoom, além de *lives* via Facebook, YouTube e Instagram.¹⁸

Um dos fenômenos mais recorrentes ao longo do período da pandemia foram justamente as chamadas *lives*. No caso da Igreja Católica no Brasil, tratou-se da criação e organização de momentos de formação, oração, cultura e arte especialmente para o ambiente digital, com transmissão ao vivo. A CNBB informou que foram transmitidas mais de 200 *lives* entre março e dezembro de 2020 pelas redes sociais digitais da conferência. Somente no Facebook, elas somaram mais de 2,7 milhões visualizações. Já o canal da CNBB no YouTube somou mais de 1,6 milhão de visualizações.¹⁹

Uma dessas *lives* foi o festival #EuCantoeRezoemCasa em março, reunindo mais de 40 nomes da música católica no Brasil e transmitido nas redes sociais digitais.²⁰ Já a Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família da CNBB passou a realizar a partir de março dois momentos de estudo, meditação e oração semanais, o *Hora da Família* e o *Hora da Vida*, transmitidos via Facebook e YouTube.²¹ As *lives* abordavam temáticas ligadas às questões familiares, à defesa da vida e à sexualidade.

A Pastoral da Comunicação, por sua vez, realizou uma *Semana de Lives* no fim de março via Instagram, com formações abertas sobre comunicação.²² E, entre maio e dezembro, promoveu o evento *Conexão Pascom*, com formações mensais ao vivo no Facebook e YouTube, também sobre temas diversos ligados à comunicação²³.

Já a Comissão Episcopal Pastoral para Cultura e Educação promoveu as *Lives de Quarta*, um momento de formação continuada sobre temáticas diversas à luz da pande-

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3nDYc wd>.

¹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3rdlPhn>.

¹⁹ Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/retrospectiva-cnbb-lives/>.

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3gGwRc3>.

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/3eEHLfO>.

²² Disponível em: <https://bit.ly/3mqjFr6>.

²³ Disponível em: <https://bit.ly/37wHSb0>.

mia do coronavírus. Foram abordados o papel educativo da família, os cuidados psíquicos, as experiências culturais por meio das mídias sociais digitais, entre outros.²⁴

A partir de junho, a CNBB e o Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio organizaram as *Jornadas de Teologia Pastoral*. As *lives* mensais foram transmitidas via Facebook e YouTube, com a presença de painelistas que abordaram temas referentes à ação pastoral da Igreja durante a pandemia e no pós-pandemia.²⁵

E a Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC), em parceria com a CNBB e outras organizações, promoveu uma série de quatro eventos online em junho, intitulados *Live da Esperança e da Solidariedade – Ficar em casa e fazer a diferença!*, com a presença de artistas e personalidades católicas brasileiras. Transmitidos via YouTube, o objetivo das *lives* era promover momentos de música e reflexão durante o período de isolamento, motivando a doação de alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade social afetadas pela Covid-19.²⁶

No âmbito específico das práticas formativas, a pandemia levou a Igreja a repensar a catequese, o processo de formação de novos católicos e católicas. Também neste caso as redes sociais digitais foram um ambiente importante para manter o vínculo comunitário. Uma matéria do site da CNBB destacou que os/as catequistas se fizeram próximos dos catequizandos/as “por meio do envio de mensagens, proposta de atividades, de roteiros de oração, de momentos de encontro virtual, de orientações de como participar das missas pela internet” (PASTORAL, 2020, s/p). Algumas práticas emergentes no período pandêmico, nesse sentido, foram os “murais virtuais” da catequese, em que as crianças e adolescentes enviavam fotos das atividades catequéticas realizadas em casa, além de vídeos explicativos gravados pelos/as catequistas para os/as catequizandos/as e suas famílias, e momentos celebrativos online.

Por fim, a Igreja Católica também precisou repensar suas próprias *práticas institucionais* a partir do contexto da pandemia, recorrendo ao ambiente digital. O Conselho Permanente da CNBB – constituído pela presidência da conferência, pelos presidentes

²⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3mCbuYX>.

²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3mykyxP>.

²⁶ Disponível em: <https://bit.ly/38kLoEB>.

das Comissões Episcopais e por membros eleitos dos 18 conselhos episcopais regionais – se reuniu exclusivamente por videoconferência via Zoom ao longo de 2020.²⁷

O mesmo ocorreu com o Conselho Episcopal Pastoral (Consep), órgão executivo das decisões pastorais da CNBB e que tem a tarefa de coordenar as atividades das diversas comissões da conferência.²⁸ Os colaboradores da CNBB, por sua vez, participaram até de uma festa junina online, intitulada *São João em Casa*, que contou com a *live* de uma banda musical.²⁹

Diversas outras comissões e pastorais da CNBB também realizaram suas reuniões ao longo do ano de forma remota, via teleconferência online. Várias Assembleias dos Regionais que formam a CNBB, com a presença dos diversos bispos de cada região, foram realizadas a distância e por meio de videoconferências. O site da CNBB ressaltou que a presidência da conferência, a partir de junho, promoveu “encontros virtuais” com seus 18 Regionais para manter o contato com os bispos. A reportagem cita Dom Joel Portella, bispo auxiliar do Rio de Janeiro (RJ) e secretário-geral da CNBB, que afirma que as videoconferências “foram *momentos de comunhão*, com a partilha de ricas experiências durante a pandemia” (PARA MANTER, 2020, s/p, grifo nosso).

Em julho, foi realizado um encontro com os bispos nomeados recentemente pelo Papa Francisco. Realizado anualmente de forma presencial na sede da CNBB, em Brasília (DF), a reunião de 2020 ocorreu por videoconferência devido à pandemia. Dom João Francisco Salm, presidente da comissão responsável pelo evento, afirmou que, mesmo na “forma virtual”, tratou-se de “um encontro fraterno, de acolhimento, de partilha e de estreitamento de laços de proximidade e de amizade” (ENCONTRO, 2020, s/p).

O próprio aniversário da CNBB, no dia 14 de outubro, foi marcado por eventos no ambiente digital. Respeitando as regras do distanciamento social, a conferência or-

²⁷ Cabe destacar aqui – dada a relevância histórica do fato, embora não faça parte do nosso corpus – que, em abril de 2021, pela primeira vez na história, a Assembleia Geral da CNBB foi realizada em modalidade online, reunindo mais de 400 pessoas em videoconferência simultaneamente. A assembleia geral é o órgão supremo da CNBB, ao qual são convocados todos os bispos na ativa, que em 2021 eram 309 (os bispos eméritos, ou aposentados, podem participar, sem direito a voto, e somam mais de 166), além de mais de 30 assessores das Comissões Episcopais e cerca de 30 membros da equipe de apoio. Em sua 58ª edição, a assembleia geral deveria ter ocorrido em abril de 2020, mas foi adiada devido à pandemia para agosto do mesmo ano e, por fim, para abril de 2021. Informações obtidas junto à Assessoria de Imprensa da CNBB, além de dados disponíveis em: <https://bit.ly/3u01fBY>.

²⁸ Disponível em: <https://bit.ly/34tda0A>.

²⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3mB1M99>.

ganizou três momentos online para marcar seus 68 anos. Uma missa, momentos de oração e uma *live* com dois ex-presidentes e o atual presidente da CNBB foram transmitidos pelas contas da CNBB no Facebook, Twitter e Youtube.³⁰

A partir desses vários casos, é possível perceber uma ressignificação das práticas religiosas para o ambiente digital. Seja do ponto de vista das práticas rituais, das práticas formativas e das práticas institucionais, as plataformas sociodigitais em geral foram o lócus privilegiado das ações da Igreja ao longo de 2020. Esse deslocamento, por sua vez, gerou um intenso debate eclesial sobre os limites e as possibilidades do digital para a ação da Igreja. Tais reflexões envolveram particularmente os representantes da alta hierarquia eclesiástica brasileira, em documentos, mensagens e artigos de opinião publicados no site da CNBB, que agora analisaremos.

REFLEXÕES ECLESIAIS SOBRE O AMBIENTE DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia estimulou um intenso debate entre representantes da Igreja sobre as respostas a serem dadas aos desafios do período pandêmico do ponto de vista das práticas religiosas. O site da CNBB acolheu uma parcela significativa dessas manifestações, realizadas por meio de mensagens e documentos da conferência, e artigos de opinião de bispos individuais.

A presidência da CNBB manifestou-se com uma mensagem ainda no dia 14 de março de 2020, logo no início da pandemia no Brasil (cf. CONFERÊNCIA, 2020, s/p). No texto, ao expressar sua palavra de esperança e de solidariedade diante do complexo quadro gerado pela pandemia do coronavírus, a CNBB recomendava “atenção e consideração irrestrita às orientações dos especialistas de saúde e autoridades competentes”, reconhecendo que “todas as normas visam à proteção das pessoas, buscando evitar a contaminação e preservar a vida”.

A mensagem reiterava a necessidade de “evitar aglomerações” como uma das “regras que precisam ser seguidas por todos, com irrestrita atenção e cuidados, a partir da própria consciência, regida pelo bom senso e pela fraternidade”. Segundo a CNBB,

³⁰ Disponível em: <https://bit.ly/38mRF2D>.

isso dizia respeito diretamente às celebrações litúrgicas. Por isso, a mensagem reconhecia que “algumas restrições mexem com o nosso jeito de conviver e celebrar, pois somos um povo que traz em si o desejo de sempre estar juntos, tanto nos momentos alegres quanto tristes”. Consciente das “restrições ao convívio”, a presidência da CNBB afirmava que “são muitos os recursos tecnológicos ao nosso dispor atualmente. Eles podem ajudar a *suprir a distância física* nesse período de cautela” (grifo nosso).

Portanto, como órgão máximo da Igreja Católica no país, a CNBB não emitiu nenhuma normativa geral, mas deixou nas mãos de cada bispo local a decisão a ser tomada sobre as celebrações litúrgicas, abrindo-se particularmente à possibilidade de recorrer aos “recursos tecnológicos” para suprir as limitações geradas pelo “confinamento litúrgico”. Nesse sentido, várias dioceses brasileiras publicaram notas e decretos dispensando os fiéis da obrigatoriedade de “participar fisicamente” das celebrações dominicais em suas comunidades. Segundo a própria CNBB, “a indicação é acompanhar as celebrações transmitidas pelos meios de comunicação, como televisão, rádio e internet” (MAIS DIOCESES, 2020, s/p).

Por isso, em março, a Comissão de Liturgia da CNBB publicou algumas indicações sobre “como se preparar para a missa em casa durante a quarentena imposta pelo coronavírus” (COMO, 2020, s/p). Sugeriu-se, por exemplo, criar um “ambiente celebrativo” em casa e se convidava a participar “ativa e efetivamente” da liturgia transmitida pelas mídias. Segundo o texto da CNBB, as missas nos meios de comunicação “se tornam, ainda mais neste momento, instrumentos eficazes de *‘reunir’ todos*, cada um em suas casas, sobretudo os idosos, em torno da Palavra de Deus” (grifo nosso).

Em maio, a Equipe de Análise de Conjuntura Eclesial da CNBB divulgou um documento intitulado *Pandemia e pós pandemia: dez pontos para reflexão* (PANDEMIA, 2020, s/p). O texto reconhecia que “este tempo grave de Pandemia fechou as portas de nossas igrejas, mas a Igreja não está fechada, ela continua alimentando seus filhos e filhas através da oração, da Palavra, das celebrações transmitidas pelas TVs Católicas, rádios e mídias sociais” (PANDEMIA, 2020, s/p). E o primeiro dos dez pontos indicados para a reflexão era precisamente sobre a importância da comunicação digital:

Este tempo de Pandemia nos fez estar presentes nas casas e na vida das pessoas de uma forma nova: por meio das mídias sociais. Já as usávamos como meio de comu-

nicação, de evangelização, de missão e de solidariedade. Este tempo acelerou o processo de uso das mídias sociais para reuniões, trabalhos, aulas, missas, etc., tudo online. *Descobrimos uma nova forma de nos fazermos presentes nas casas, nas famílias e na vida das pessoas. E as pessoas descobriram este novo modo de presença, de participação na vida da comunidade.* Este caminho deve continuar a ser trilhado: quantas *lives*, inclusive com transmissão de celebrações, terços, orações, etc. [...] É um passo que foi dado e que não poderá retroceder. [...] Por isso, o uso das mídias sociais deverá continuar a ser um grande elemento da presença da Igreja, de evangelização, de missão, de oração com o nosso povo, de promoção da caridade e solidariedade (PANDEMIA, 2020, s/p, grifo nosso).

Assim, percebe-se um forte reconhecimento por parte da Igreja em relação às possibilidades oferecidas pelo ambiente digital, particularmente do ponto de vista da presença e da participação eclesiais. Além disso, reafirma-se a complementariedade entre as diversas linguagens eclesiais e litúrgicas, embora com significados diferentes: “Não há oposição entre a assembleia litúrgica presencial e a transmissão virtual [...]. Trata-se de uma forma de continuar atingindo tantas pessoas que ainda não se despertaram para a importância de viver e partilhar a fé em comunidade” (idem).

Em novembro, após um “encontro virtual” entre os bispos do Brasil que reuniu quase 300 pessoas entre bispos e assessores, a CNBB lançou uma *Mensagem ao Povo de Deus em tempo de pandemia*. O texto refletia sobre o impacto da irrupção da pandemia, “alterando nossas rotinas”. Mas, de acordo com os bispos,

a provação tem favorecido importantes aprendizados e oportunidades para a vivência e o anúncio do Evangelho. Reconhecemos, com gratidão, o empenho de tantas comunidades cristãs que foram criativas para manter a ação evangelizadora, especialmente pelas mídias sociais, promovendo a transmissão de celebrações litúrgicas, catequese e aconselhamento aos fiéis (EM MENSAGEM, 2020, s/p).

Há aí um importante reconhecimento da instituição em relação ao papel desempenhado pelas “mídias sociais” nas práticas religiosas das comunidades. Isso diz respeito não apenas às transmissões massivas, mas também à catequese e ao aconselhamento, que envolvem uma relação mais íntima entre as pessoas envolvidas.

Por outro lado, os bispos católicos brasileiros realizaram um amplo debate sobre a relação entre a Igreja e o ambiente digital durante a pandemia, por meio de artigos de opinião publicados no site da CNBB. Em geral, os textos reconhecem que o contexto

pandêmico demandou criatividade nas respostas pastorais por parte da Igreja, ressaltando, nesse sentido, a importância do ambiente digital.

Dom Vicente Costa, bispo de Jundiá (SP), destacou precisamente a relação entre “o Evangelho de Jesus e a tecnologia digital”, como afirma o título de um de seus artigos. O bispo refletiu sobre a necessidade de isolamento imposto pela pandemia e sobre como viver a pertença à comunidade cristã nesse contexto, reconhecendo que as redes sociais digitais foram impulsionadas de forma inesperada pela Covid-19. “Nestes dias de fechamento de nossas igrejas e cancelamentos de tantas atividades pastorais, surgiu uma nova forma da Igreja doméstica, da Igreja do lar que aprendeu a ser uma comunidade viva, unida e orante, porém de forma virtual. [...] É um sinal dos novos tempos modernos: comunidade virtual” (COSTA, 2020a, s/p).

Já Dom Edson Oriolo, bispo de Leopoldina (MG), enfatizou a necessidade de um “novo diálogo evangelizador”. Segundo ele, devido à pandemia,

mergulhamos no mundo digital de um modo inédito e num ritmo acelerado, na tentativa de exercer a missão de evangelizar. [...] com isso, *para estar presente na caminhada do Povo de Deus*, tivemos de nos adaptar e reinventar rapidamente. A internet entrou no horizonte de prioridades de nossas ações, oferecendo um novo mundo de possibilidades e nos alertando para o desafio de um novo diálogo de evangelização (ORIOLO, 2020a, s/p, grifo nosso).

Nesse sentido, para buscar construir essa *presença à distância* por parte da Igreja, o bispo afirma que o contexto eclesial está passando por um tipo de “disrupção digital”, que está levando à reinvenção de seus processos internos e externos. Daí o reconhecimento de que “os novos cânones da comunicação telemática e digital despontam como desafio e potencialidade para a nossa missão” (idem).

Comentando as práticas desenvolvidas pelo clero de sua diocese, o bispo afirmava que os encaminhamentos institucionais e pastorais seguiram o seu curso, por exemplo, por meio de videoconferências. Mas ele reconhecia que principalmente os clérigos foram “compelidos a entrar abruptamente nesse processo como condição para evangelizar: é desejável que haja frutos, mas, sobretudo, *aprendizado*” (ORIOLO, 2020a, s/p, grifo nosso). Portanto, o desafio eclesial não era focar apenas nos resultados (“frutos”), mas atentar para o processo de aprendizagem de novos métodos e linguagens. A questão, segundo ele, é “como promover em tal ‘universo’ [digital], com crité-

rios e assertividade, um caminho na dinâmica da experiência cristã de Deus” (ORIOLO, 2020a, s/p, grifo nosso).

Foi o que também constatou Dom Antonio de Assis Ribeiro, bispo auxiliar de Belém do Pará (PA). Segundo ele, graças à internet e às mídias digitais, durante a pandemia “a evangelização está assumindo *outra roupagem*, explorando *nova linguagem*, ampliando a oferta de serviços para alimentar a fé dos fiéis e atingindo fronteiras sem controle, chegando a proporções mundiais, estando disponível para os mais variados sujeitos e contextos” (RIBEIRO, 2020, s/p, grifo nosso). O bispo dizia não ter dúvidas de que “através desse novo púlpito atingimos muito mais pessoas do que simplesmente nos templos físicos”. Ele também percebia o crescimento de um “espontâneo processo de *organização de grupos nas redes sociais* com o objetivo de compartilharem conteúdo religioso de interesse comum” (grifo nosso). Ou seja, além de novas especialidades na experiência religiosa digital, emergiam também novas *eclesialidades*, isto é, novos modos de estreitar o vínculo eclesial, de construir comunidade, de ser Igreja.

Justamente a possibilidade de continuar vivendo a experiência comunitária e de comunhão também no ambiente digital foi um dos principais pontos destacados por vários bispos. Segundo Dom André De Witte, bispo da Diocese de Ruy Barbosa (BA), mesmo em uma “celebração que acontece de igreja fechada, mas transmitida pelos nossos meios de comunicação, insistimos que enfrentamos limitações forçados pelas circunstâncias, *mas estamos em comunhão*” (WITTE, 2020, s/p, grifo nosso).

Dom Oriolo (2020c, s/p) também comentou o papel das “novas estratégias e ferramentas para possibilitar aos fiéis o contato com o sagrado, sobretudo através do universo digital”. Segundo ele, as orações e celebrações em rede são uma “expressiva assistência de serviços religiosos”, por meio da qual os clérigos buscam “*ser presença*, transmitir esperança e conduzir os fiéis para o coração do mistério” (grifo nosso).

Durante o tempo da pandemia, “as redes sociais tornaram-se um *abençoado instrumento* pelo qual chegam a milhões de pessoas o conforto, a amizade, a companhia, a solidariedade e a Palavra de Deus para alimentar a fé e a esperança”, segundo Dom Ribeiro (2020, s/p, grifo nosso). De acordo com o bispo, “as comunidades virtuais se fortaleceram e, por causa do distanciamento social e isolamento, milhões de pessoas *se mantêm em comunhão e fiéis em seu vínculo com a própria comunidade*” (grifo nosso).

Para ele, “uma nova modalidade de encontros e presenças está se consolidando profundamente nesse tempo de pandemia através da virtualidade” (grifo nosso).

O bispo reconhece que “a Igreja não é uma comunidade virtual; é uma comunidade concreta de pessoas que sentem a necessidade do encontro interpessoal” (RIBEIRO, 2020, s/p). Para ele, “*jamais a virtualidade poderá substituir a presença*”, pois “não tem a força suficiente para saciar a alma e o coração humano”. Entretanto, “em tempos tão delicados nos quais estamos vivendo, essa modalidade faz um grande bem. *Mesmo se os corpos estão distantes, as mentes continuam em comunhão*” (grifo nosso).

Dom Oriolo (2020b, s/p), em outro artigo, reflete especificamente sobre a relevância do fenômeno das *lives*. Segundo ele, essa experiência possibilita o comprometimento dos fiéis com as suas dioceses, paróquias e comunidades eclesiais. “As *lives* são um instrumental poderoso para atingir os fiéis em tempo de pandemia que será um *upgrade* na pós-pandemia” (2020b, s/p). Para o bispo, essa interatividade “ao vivo” potencializa um modo novo de evangelizar (por meio de palestras, conferências), de celebrar (por meio das transmissões de missas) e de assistência aos pobres (por meio de da organização de campanhas, doações, conscientização da partilha).

Este último ponto também é destacado por Dom Joel Portella Amado, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e secretário-geral da CNBB. Ao analisar os impactos da pandemia da Covid-19 na vida da Igreja, ele afirma que viver a fé em tempos de pandemia significa encontrar novas formas de praticar o amor ao próximo. “Para tanto, aí está a internet com todo os recursos que ela disponibiliza para nós. *Viver a fé é também estabelecer contato virtual com outras pessoas, para rezar juntas, em especial as solitárias*” (EM ENTREVISTA, 2020, s/p, grifo nosso). Dom Vicente Costa, bispo de Jundiá (SP), destaca justamente que, “neste distanciamento social, para muitos os meios mediáticos da internet foram instrumentos muito valiosos de comunicação [...] e de *demonstração de afetos*” (COSTA, 2020b, s/p).

Entretanto, os bispos também percebem limitações nessa reconfiguração online da práxis eclesial. Mesmo diante de tais potencialidades do digital para a práxis eclesial, as reflexões das autoridades eclesiais também levantaram questionamentos e receios em relação à internet ou às práticas eclesiais nela desenvolvidas.

Dom Lindomar Rocha, bispo de São Luís de Montes Belos (GO), entreviu no período da pandemia, de modo geral, um “tempo de aceleração”. Segundo ele, a velocidade vivida em 2020 já era “assombrosa”, mas “fomos acelerados ainda mais pela pandemia”. “Na educação, no trabalho, na Igreja e nas celebrações, aprendemos o significado de reunião online, trabalho virtual, celebração nas redes e *lives* a perder de vista, invadiram o nosso ambiente e o nosso pastoreio” (ROCHA, 2020, s/p).

A adaptação da Igreja aos ritmos digitais teve “seus percalços naturais, mas [foi] bastante exitosa”, segundo Dom Walmor Oliveira de Azevedo, presidente da CNBB (BALLOUSSIER, 2020, s/p). Segundo ele, isso permitiu que “nossas comunidades expandissem seu alcance a partir das tecnologias digitais”. Mas, reiterou, “esses encontros não eliminam a necessidade das *reuniões presenciais* para celebrar a fé” (grifo nosso).

Nesse sentido, Dom Costa (2020a, s/p, grifo nosso) pediu “*cuidado com esta nova forma digital de viver e celebrar nossa fé, que não pode, de forma alguma, substituir, por tempo indeterminado, a nossa participação presencial na Igreja e nas suas atividades*”. A pandemia, na opinião dele, obrigou a Igreja a repensar a sua ação religiosa para continuar perto das pessoas. Contudo, “a renovação de nossa ação pastoral, adotando as celebrações litúrgicas por via digital, *não basta*. A tecnologia moderna nos desafia a buscar novas formas de vivermos a fé e a caridade em nossas comunidades eclesiais missionárias” (COSTA, 2020b, s/p, grifo nosso).

As práticas litúrgicas no ambiente digital também foram analisadas por Dom Pedro Brito Guimarães, arcebispo de Palmas (TO). Segundo ele,

muitas imagens litúrgicas passaram pelos nossos visores, de bispos e padres, presidindo missas, em igrejas vazias, com os bancos enfeitados, com fotos de paroquianos, e muitos deles, em suas casas, ajoelhados, diante de smartphones, computadores e televisores. E muitos de nós alegres por atingir mais pessoas, pelas missas virtuais, do que pelas presenciais. Sem querer ou sem perceber, a liturgia eucarística se tornou um *produto on-line* (GUITMARÃES, 2020, s/p, grifo nosso).

Diante disso, “a missa virtual é um banco de prova para a Igreja”, pois, segundo o arcebispo, a participação dos fiéis entraria em xeque. “O culto virtual foi o grande esforço e contou com investimentos, mas pode ter nos levado [...] a *perder a batalha, que é a participação ativa das pessoas nas ações litúrgicas*” (idem, grifo nosso).

Por fim, Dom Oriolo (2020a, s/p) reconheceu as limitações da própria Igreja na ressignificação da práxis religiosa ao ambiente digital. Segundo ele, a realidade digital

é totalmente tímida para nós que somos Igreja. [...] A presença eclesial nas mídias digitais é muito modesta e basicamente improvisada. Ainda não possuímos influenciadores digitais voltados para o anúncio da Boa-Nova. Nosso “conteúdo” não é curtido e compartilhado, porque não está satisfatoriamente on-line (2020a, s/p).

Ele constata que “as dioceses, paróquias, comunidades eclesiais missionárias, pastorais, movimentos, instituições e tantas outras associações estão encontrando nas redes sociais [...] espaços importantes na evangelização” (ORIOLO, 2020d, s/p). Mas, apesar disso, “não é fácil estar presente nas redes sociais pelas nossas [da Igreja] limitações, falta de expertise, conhecimento obscuro e estratégias dispersas”.

Em suma, o debate entre as autoridades da Igreja explicita potencialidades e limitações gerais identificadas pela reflexão eclesial para a práxis religiosa no ambiente digital em tempos de pandemia, inclusive com um certo deslumbramento diante da “modernidade” e “novidade” da digitalização. Revelam-se, aí, as diversas possibilidades do digital particularmente para a manutenção dos vínculos eclesiais em novas formas de presença e participação, por um lado, assim como, por outro, as suas diversas insuficiências, particularmente no que diz respeito ao receio de uma “substituição” dos ritos presenciais pelos transmitidos via mídia e de uma certa “virtualização” da fé, que dispensaria o contato entre as pessoas e a concretude da realidade.

A partir disso, buscaremos agora aprofundar reflexivamente algumas inferências sobre a práxis religiosa digital da Igreja ao longo do período da pandemia.

INFERÊNCIAS SOBRE A PRÁXIS RELIGIOSA DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Com base na descrição analítica dos indícios encontrados no estudo de caso do site da CNBB sobre a práxis religiosa digital promovida pela Igreja Católica no Brasil durante a pandemia, podemos, agora, derivar algumas inferências mais gerais sobre as práticas católicas brasileiras e a respectiva reflexão eclesial no ambiente digital.

Primeiramente, percebemos uma resignificação das práticas religiosas para o ambiente digital, tanto do ponto de vista das práticas rituais, quanto das práticas formativas, quanto ainda das práticas institucionais da Igreja Católica. Particularmente do ponto de vista ritual-formativo, houve um deslocamento espaço-temporal da prática religiosa, em que o “templo”, entendido como o espaço geograficamente delimitado e reservado para o encontro com o “sagrado”, dá lugar ao universo das conexões em rede, em uma aceleração e capilarização dos processos.

Historicamente, em diversas tradições religiosas, o templo era considerado como um *axis mundi* – eixo, pilar, centro do mundo –, um ponto específico no espaço geográfico que dava acesso a uma “abertura” aos céus e onde era possível a comunicação com o “mundo dos deuses” (ELIADE, 1992). Ou seja, um espaço sagrado.

Em um mundo conectado, porém, em que todo e qualquer ponto dá acesso à rede, o “centro do mundo” não está mais localizado em um ponto geográfico específico, mas se encontra em qualquer lugar onde se tenha acesso à internet e às redes digitais. O digital pode “suprir a distância física”, como reconheceu a própria CNBB. As práticas religiosas, portanto, passam por um processo de *ubiquização* (do latim *ubique*, “em/portudo”), ou seja, um salto para uma maior compressão espaço-temporal possibilitada pelas conexões digitais. Com isso, a pessoa, sua comunidade de fé e o universo simbólico-religioso ao qual se referem passam a estar *em toda parte ao mesmo tempo*. Ocorre, assim, uma ruptura de escala comunicacional-religiosa, em termos de alcance (compressão espacial) e de velocidade (aceleração temporal) dos processos (cf. VERÓN, 2012).

Mediante tal processo de ubiquização, por um lado, o conceito de espaço religioso é relativizado e complexificado pela ideia de “acesso” (não importa *onde*, mas sim *como chegar*); por outro, o conceito de tempo religioso é relativizado e complexificado pelo de “instantaneidade” (não importa *quando*, mas sim *quanto tempo*). A prática religiosa, assim, torna-se *always in e always on*, isto é, independentemente do espaço-tempo dos demais fiéis, é uma experiência compartilhada sempre “aqui” e sempre “agora”, graças à conexão digital.

Sinal disso é o fenômeno comunicacional por excelência do período da pandemia: as *lives*. Elas explicitam, como um diferencial próprio, justamente a experiência de uma *copresença aqui-e-agora* entre os participantes, uma nova forma de encontro, de

relação e de comunhão interpessoais, mesmo diante da necessidade de distanciamento social. Nessas interações em rede, a conexão estabelecida é uma *presença real* das pessoas que interagem, graças àquilo que veem, ouvem e sentem – ou seja, graças à sua *participação efetiva e afetiva* na experiência religiosa. Elas podem não estar presentes no mesmo ponto geográfico, mas estão em inter-relação, em coparticipação, e estão presentes e participam de uma mesma experiência, que passa pelo “*con-tato*” entre seus corpos físicos (seus sentidos, afetos, sensações, emoções, sentimentos...).

Daí também a necessidade de tecer algumas críticas à perspectiva levantada pela reflexão eclesial sobre uma possível “virtualização da fé”. Segundo esse ponto de vista, os fiéis, impossibilitados de participar da experiência religiosa “real”, recorreriam a uma fé “virtual”, entendida como um mero “produto online”, algo imaterial e incorpóreo, com graves perdas para a prática religiosa, principalmente a ausência do contato humano. O medo é de que as pessoas abandonem o “mundo real” da fé, substituindo-o por “simulacros virtuais”, e, após a pandemia, não queiram mais voltar aos templos.

Contudo, o ambiente digital não é um mero “limbo eletrônico”, um “universo paralelo” (“ciberespaço”), ao qual os “internautas” chegam por “navegação”: expressões todas que remetem a um “lá fora” da realidade. Pelo contrário, é preciso superar a dicotomia “virtual *versus* real”, ou mesmo “offline *versus* online”, também do ponto de vista religioso.

Em todo tempo e lugar, e para toda pessoa, a experiência religiosa ocorre sempre mediada. A pessoa que faz a experiência do sagrado a faz, primeiramente, pela mediação do seu próprio corpo – seus sentidos, sensações, sentimentos. Assim também a pessoa conectada não está “desencarnada”, seu corpo não desaparece nem se “virtualiza”: o que as redes digitais possibilitam é um *contato efetivamente entre pessoas encarnadas*, embora em lugares ou tempos distintos. O corpo é ressignificado mediante tecnologias como as câmeras e as telas, tornando-se *híbrido*, na interface entre o biológico, o tecnológico e o simbólico. Surgem daí novos modos de percepção e de expressão do “eu”, que passam pelo corpo, como “mediação natural” básica de todo contato e comunicação humanos, e também por processualidades tecnológicas emergentes.

Atualmente, portanto, vivemos uma experiência *onlife* (FLORIDI, 2015), em que a conectividade digital já é uma dimensão existencial da vida humana. Alguns da-

dos podem ilustrar melhor esse ponto. De acordo com a pesquisa *Digital 2021: Brazil*, realizada pelo DataReportal, há 160 milhões de usuários frequentes de internet no Brasil, ou seja, 75% da população.³¹ O tempo médio de uso diário de internet por parte dos brasileiros é de 10h08min, praticamente a metade de um dia, o que coloca o país no 2º lugar mundial em relação ao tempo de conexão (perdendo apenas para as Filipinas).

Em abril de 2020, o DataReportal realizou uma pesquisa mundial para entender quais transformações a pandemia havia provocado nas práticas sociais digitais.³² Constatou-se que 58% dos brasileiros entrevistados (entre 16 e 64 anos de idade) passaram ainda mais tempo nas redes sociais durante a quarentena. O Brasil também aparece em segundo lugar entre os países que afirmam ter aumentado seu tempo de conexão durante a pandemia.

Corpos e tecnologias (e espiritualidades), redes e ruas (e templos), portanto, estão mais do que nunca conectados e interligados. O “véu” dessa separação se rasgou há um bom tempo. Se entendermos o ambiente digital meramente como uma “virtualidade”, podemos correr o risco de abstrair todos os seus elementos de materialidade, todas as suas expressões de socialidade, todas as suas marcas de contextualidade, que têm origem na própria *humanidade* nela presente. O risco é minimizar o digital puramente como um “simulacro” da realidade e não perceber aí um *novo ambiente socialmente construído* de relação pessoal, de organização social e também de experiência religiosa.

Por isso, é importante perceber, neste caso, os agenciamentos sociorreligiosos das redes e seus desdobramentos, pois, como já dizia Bento XVI (2013, grifo nosso), “as redes sociais são o *fruto da interação humana*, mas, por sua vez, dão *formas novas* às dinâmicas da comunicação que cria relações”. Francisco (2014), por sua vez, ao pedir uma “Igreja em saída”, especifica que, entre as estradas pelas quais a Igreja deve sair, “estão também as digitais, congestionadas de humanidade”. E o ambiente digital, continua ele, não é apenas “uma rede de fios, mas de pessoas humanas”.

O digital, portanto, é real. É uma *realidade humana, cultural e social*. É uma expressão *encarnada, concreta e material* de humanidade. Que, por sua vez, também possibilita novas formas de experiência do sagrado e novas formas de encontro e de relação

³¹ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>.

³² Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-april-global-statshot>.

com a comunidade de fé. Daí a necessidade de novas aprendizagens por parte da Igreja, para se “adaptar e reinventar rapidamente”, como afirmam os bispos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Especialmente em tempos de pandemia, a práxis religiosa passou por uma ressignificação digital relevante, para poder responder ao desafio do “confinamento litúrgico”. Por um lado, as práticas religiosas – rituais, formativas ou institucionais – precisaram ser reconfiguradas, levando em conta as limitações e as potencialidades do ambiente digital. Por outro lado, como reconhecem os bispos, a Igreja precisou descobrir e aprender uma nova forma de se fazer presente na vida das pessoas, recorrendo a “outra roupagem, explorando nova linguagem” (RIBEIRO, 2020, s/p), encontrando no ambiente digital o modo de “reunir’ todos [em comunidade]” (COMO, 2020, s/p), para além do risco de contágio pelo coronavírus.

Com isso, surgiram novas formações comunitárias e eclesiais em rede. Durante a pandemia, percebeu-se uma maior constituição e articulação de verdadeiras “comunidades eclesiais digitais” (SBARDELOTTO, 2017), ou seja, um novo modo de convocação e reunião dos fiéis agora em rede, para além dos limites espaço-temporais (*ekklesia* = assembleia, “chamar para fora”). Trata-se, no fundo, de outra forma de “ser Igreja”, em meio às variações históricas das formas comunitárias, que nunca foram as mesmas, nem iguais ao longo da história eclesial e nas diversas culturas.

Tais formações eclesiais em rede, indo além das configurações geográficas da estrutura eclesiástica local (comunidade local, paróquia, diocese etc.), apontam para uma busca de *relações outras em ambientes outros*, a partir da necessidade de *atualizar* as comunidades tradicionais em um momento de “confinamento litúrgico”, de *traduzi-las* às linguagens e às modalidades de comunicação contemporâneas, e também de *criar/inventar* experiências inovadoras de vivência e comunicação da fé diante de algo inédito como a pandemia. Elas apontam para um *novo-ainda-não-experimentado*, cujo desenvolvimento a pandemia acelerou, e cujos desdobramentos demandarão novas observações e aprofundamentos.

Em suma, a pandemia explicitou que a práxis religiosa, hoje, se manifesta não apenas como ações de religação (*religare*) entre o humano e o divino, mas principal-

mente de *reconexão* entre o humano, o digital e o divino (SBARDELOTTO, 2017). Tal reconexão emerge como um processo sociorreligioso-digital, mediante a “conexão de conexões” sociais, digitais e religiosas. Nesse processo, as religiosidades em rede podem ser percebidas e expressadas socialmente como um universo de experiências e de vivências da relação entre o humano e o sagrado que mudam e permanecem em comunicação.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio Cesar; SBARDELOTTO, Moisés. Online Liturgy in the Pandemic: Reflections on Religious Practices of Catholics and Lutherans in Brazil. In: FEULNER, H.-J.; HASLWANTER, E. (orgs.). **Gottesdienst Auf Eigene Gefahr?** Die Feier der Liturgie in der Zeit von Covid-19. Münster: Aschendorff Verlag, 2020, pp. 467-481.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Momento de desgovernos exige coro dos lúcidos, diz dom Walmor, presidente da CNBB. In: **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3gZEubF>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BARROS, Cezar Macedo; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. A centralidade da mídia para a vivência da fé católica em tempo de pandemia: dispositivos que propiciam reconexões. **Comunicação & Inovação**, v.21, n. 47, set.-dez. 2020, pp. 250-266. Disponível em: <https://bit.ly/3gC9AII>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BENTO XVI. Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais. In: **Vatican.va**, Vaticano, 24 jan. 2013. Disponível em: <http://goo.gl/C3lCMV>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BOFF, Leonardo. **Eclogênese**: as comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, v. 1, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CARLETTI, Anna; NOBRE, Fábio. A Religião Global no contexto da pandemia de Covid-19 e as implicações político-religiosas no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**, vol. 13, n. 39, jan.-abr. 2021, pp. 295-319. Disponível em: <https://bit.ly/32Lnpfp>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CNBB disponibiliza roteiro da celebração familiar do 4º Domingo da Quaresma. In: **CNBB**, Brasília, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2EAQT7e>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COMO se preparar para a missa em casa durante a quarentena imposta pelo coronavírus? In: **CNBB**, Brasília, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kRnPYJ>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. Mensagem “Tempos de esperança e solidariedade”, 14 mar. 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/2KcmYoN>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COSTA, Vicente. O Evangelho de Jesus e a tecnologia digital. In: **CNBB**, Brasília, 22 abr. 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/38nPsDY>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. Algumas lições da pandemia do coronavírus. In: **CNBB**, Brasília, 29 jun. 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/3h6I9Vu>. Acesso em: 20 dez. 2020.

DIANTE da pandemia redes sociais favorecem momentos de oração e comunhão. In: **CNBB**, Brasília, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/38hgqgF>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EM ENTREVISTA ao O São Paulo, Dom Joel Amado fala da vivência da fé em tempos de pandemia. In: **CNBB**, Brasília, 08 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3mJjAiB>. Acesso em: 20 dez. 2020.

EM MENSAGEM ao Povo de Deus, CNBB reforça a esperança, a caridade e a missão da Igreja no Brasil no contexto da pandemia. In: **CNBB**, Brasília, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2J7QXOd>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ENCONTRO com bispos nomeados recentemente pelo Papa Francisco é realizado de forma virtual. In: **CNBB**, Brasília, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2WyrUo>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FLORIDI, Luciano (org.). **The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era**. Londres: Springer Open, 2015.

FRANCISCO. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. In: **Vatican.va**, Vaticano, 24 jan. 2014. Disponível em: <http://goo.gl/8JbLFr>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Pedro Brito. A desafeição da eucaristia, em tempo de pandemia, real ou fictícia? In: **CNBB**, Brasília, 17 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3nCobnR>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MAIS DIOCESES brasileiras suspendem missas com participação dos fiéis e investem na internet. In: **CNBB**, Brasília, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/345NdTR>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ORIOLO, Edson. Redes sociais e novo diálogo evangelizador. In: **CNBB**, Brasília, 04 maio 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/3mthsv6>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. Ação pastoral pós-pandemia (3). In: **CNBB**, Brasília, 15 jun. 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/37xYP4Y>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. Ação pastoral pós-pandemia (5). In: **CNBB**, Brasília, 01 jul. 2020c. Disponível em: <https://bit.ly/34umaSZ>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. Ação pastoral pós-pandemia (7). In: **CNBB**, Brasília, 13 jul. 2020c. Disponível em: <https://bit.ly/3pdWjqj>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PADRES idosos se reinventam, aderem às redes sociais e desbravam as novas tecnologias. In: **CNBB**, Brasília, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Pxweqi>. Acesso em: 25 abr. 2020.

PARA MANTER contato com bispos, presidência da CNBB promove encontros virtuais com regionais. In: **CNBB**, Brasília, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37x6jFk>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PANDEMIA e pós-pandemia: dez pontos para reflexão. In: **Vatican News**, Roma, 08 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kQChjz>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PASTORAL da Catequese ajuda famílias a ser “Igreja doméstica” durante a pandemia. In: **CNBB**, Brasília, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2LTfA2b>. Acesso em: 20 dez. 2020.

QUARENTENA: Celebrar em Família o Dia do Senhor. In: **CNBB**, Brasília, 04 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/quarentena/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

RIBEIRO, Antonio de Assis. Evangelizar através das mídias digitais. In: **CNBB**, Brasília, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3mJxG3v>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ROCHA, Lindomar. Tempo de aceleração. In: **CNBB**, Brasília, 30 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3atu96F>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SAIBA quais aplicativos ajudam a se conectar com quem está distante e a rezar pela internet. In: **CNBB**, Brasília, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37xSJRJ>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Romarias *in lives*: ciberdevoções e santuários virtuais em tempo de pandemia. **Horizonte**, v. 18, n. 57, pp. 1305-1333, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3dOWPbH>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez bit**: a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Santuário, 2012.

_____. **E o Verbo se fez rede**: religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

_____. O digital e a vivência da fé: (re)descobertas em tempos de pandemia. **Teopraxis**, vol. 37, n. 129, nov. 2020a, pp. 157-171. Disponível em: <https://bit.ly/3dQ3tOR>. Acesso em: 23 abr. 2021.

_____. The (Re)Discovery of the Digital Environment for Living and Communicating the Faith. In: CAMPBELL, H. (org.). **The Distanced Church**: Reflections on Doing Church Online. College Station: Digital Religion Publications, 2020b, pp. 75-77. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1969.1/187891>. Acesso em: 23 abr. 2021.

_____. Virtualização da fé? Reflexões sobre a experiência religiosa em tempos de pandemia. **Annales Faje**, vol. 5, n. 4, 2020c, pp. 98-110. Disponível em <https://bit.ly/32KRcVo>. Acesso em: 23 abr. 2021.

VERÓN, Eliseo. Prólogo: La mediatización, ayer y hoy. CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (orgs). **Las políticas de los internautas**: nuevas formas de participación. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

WITTE, André de. Uma partilha fraterna, na caminhada de fé e compromisso, em tempo pascal de coronavírus. In: **CNBB**, Brasília, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/38qffvA>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Recebido em 21 de dezembro de 2020.

Aprovado em 28 de abril de 2021.